

MIGUEL SPINELLI

OS SOFISTAS
DA GRÉCIA ANTIGA
*Suas vidas, seus feitos
e suas obras*

1ª. edição
2026



Editores Marcelo Toledo e Valéria Toledo
Revisão e preparação de texto Tatiana Alvarenga Chanoca
Projeto Gráfico e Capa KOPR Comunicação

Impresso no Brasil. Proibida a reprodução.
Todos os direitos desta edição são reservados para
Editora Madamu
Rua Campo Largo, 418, Mooca, São Paulo, SP
CEP 03186-010 - Tel.: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br | leitor@madamu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)	
S757h	Spinelli, Miguel Herança grega dos filósofos medievais / Miguel Spinelli. 2 .ed. – São Paulo: Madamu, 2025. 420 p.; 23 cm. ISBN: 978-65-86224-81-8 Inclui referências 1. Escolástica. 2. Filosofia Medieval. I. Título.
CDD 189.4092	

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:
1. Escolástica
2. Filosofia Medieval

Sumário

Prólogo	9
PARTE I Exposição geral sobre o sofista, o dialético e o filósofo	
I. Eram os sofistas filósofos e, os filósofos, sofistas?	
1. O dialético, o sofista, o <i>filómito</i> e o filósofo	19
2. Os novos Orfeus da escolaridade grega	27
II. O sofista, o <i>didáskalos</i> público e a educação estatal	
1. Os novos tempos da instrução grega	35
2. Platão e Aristóteles, a Academia e o Liceu	41
3. O fomento da educação grega a partir de Esparta	46
III. Os mestres do glamour, das praças e das ruas	
1. Protágoras e a nova estampa do sofista	53
2. O diálogo de Platão com os sofistas	58
IV. Platão, os sofistas e a nova arquitetônica do filosofar	
1. O real e o ideal em fertilização recíproca	66
2. O filósofo e o sofista em busca do mesmo	74
V. A sabedoria sofística e a filosófica	
1. “O sofista, de que sabedoria está cheio?”	81
2. O ensino sofístico e a educação filosófica	88
3. O sofista enquanto profissional (<i>demiourgós</i>) da educação cívica	97

VI. Os sofistas e o renascer da filosofia grega

1. Aristóteles e a crítica aos sofistas	108
2. A antitética sofística e a reinvenção da dialética	116
3. A erudição (<i>polymathía</i>) e a <i>autodidaxía</i> dos sofistas	120
4. Os dialéticos e os sofistas trajavam o mesmo manto	124
5. O sofista, o filósofo e os ideais que mais importam	130

PARTE II | Exposição sobre os principais sofistas da antiga Grécia

I. Protágoras

1. A sua origem e a convivência com Demócrito	139
2. O sofista Protágoras e o diálogo <i>Protágoras</i> de Platão	144
3. As várias coisas nas quais Protágoras foi tido como <i>primeiro</i>	156
4. As principais máximas da filosofia de Protágoras	165
5. Sobre o alcance filosófico da proposição “o homem é a medida das coisas”	169
6. Sobre os vínculos de Protágoras com Xenófanes, Heráclito e Parmênides	174
7. Contributos de Protágoras aos filósofos gregos da posteridade	179

II. Górgias

1. O ancião mais longo da Grécia	188
2. O protótipo do sofista grego	193
3. Os vínculos de Górgias com Parmênides e os eleatas	201
4. Górgias, Empédocles e a arte oratória	206

III. Pródico

1. A morte de Pródico por cicuta, um ano antes de Sócrates	212
2. Anaxágoras, Pródico, Sócrates e os desafios da civilidade grega	215

3. O teor das fábulas de Pródico e a acusação de impiedade contra ele	218
4. Pródico: filósofo da natureza e sofista	224
5. Pródico, o principal embaixador da Grécia	229

IV. Trasímaco

1. A personalidade conflituosa de Trasímaco: um espírito livre e sem rodeios	235
2. O Trasímaco sofista e personagem da arquitetura dialógica de Platão	245
3. O <i>Discurso</i> (de Trasímaco) <i>sobre a constituição</i> (<i>Peri politeías</i>)	251

V. Hípias

1. O educador da Grécia e o amigo dos espartanos	253
2. Natureza, lei e Justiça: o suborno da vontade e a educação da virtude	259

VI. Antífonte

1. Os vários Antífontes: o sofista e o intérprete de sonhos	267
2. Os livros de Antífonte: <i>Sobre a verdade</i> e <i>Sobre a concórdia</i>	271
3. O <i>logomágeiros</i> : o <i>cozinheiro de discurso</i>	275
4. O “filósofo” existencialista dos gregos	280
5. Seus escritos e suas relações com os mitos e com os filósofos tradicionais	283
6. Fragmentos sobre o conceito de <i>verdade</i> e de <i>concórdia</i> (<i>homónoia</i>)	292

VII. Crítias

1. O sofista mais completo e o mais polêmico dos gregos	300
2. Obras políticas relativas aos espartanos, tessálios e atenienses	306

3. O político, o poeta e o escritor	312
4. O mestre do contrassenso e da incoerência	318
5. Crítias, um antidemocrata descendente de Sólon	326
6. A acusação no Tribunal de que Sócrates corrompeu Crítias e Alcibiades.	333
7. Crítias e Eurípides: o caos, a lei e o temor aos deuses. . . .	340
8. A democracia como estratégia de ascensão e consolidação da tirania	345
Indicações Bibliográficas	351
<i>Sobre o autor</i>	359

Prólogo

Pouco restou dos ditos e feitos dos sofistas. Se Platão não tivesse se ocupado em confabular com eles, em trazê-los a participar intensamente de sua dialógica filosófica, deles teria restado menos ainda. A edificação teórica do projeto cívico, filosófico e educador de Sócrates/Platão está estreitamente vinculada à influência deles. Também Isócrates, que na posteridade histórica veio a ser reconhecido mais como retor que como filósofo, deve muito a eles. Ambos, Isócrates (436-338 a.C.) e Platão (428-348 a.C.), foram discípulos de Sócrates (469-399 a.C.); juntos, ambos igualmente compartilharam da mesma contemporaneidade e dos mesmos ideais, e se valeram, inclusive, do mesmo método: levar o presente a confabular com os *tempos de outrora* a fim de resgatar antigos valores, agregá-los aos novos, e, com eles, redimensionar o futuro. Entre ambos há que se considerar também o seguinte feito: assim como Platão levou a eloquência retórica para dentro da filosofia, Isócrates levou a filosofia para dentro da retórica.

Os sofistas foram os primeiros mestres perambulantes da antiga Grécia. A proposição segundo a qual eles foram os vilões da paideia grega enuncia e difunde um juízo minimalista que desconsidera a extraordinária importância que exerceram no desenvolvimento histórico da cultura e da civilidade grega. É fato que eles foram duramente criticados por Platão, porém foi esse seu envolvimento crítico com os ensinamentos deles que o levou a encontrar o estímulo e a inspiração, e, sobretudo, um senso de realidade para as suas abordagens filosóficas encharcadas de idealidade. O projeto educador e filosófico de Platão não se desvincula do de Sócrates, que, como atestam os diálogos de Platão, esboçou e desenvolveu seu pro-

jeto em meio ao magistério dos sofistas, ouvindo aqui e ali as suas lições, confabulando diretamente com eles em algumas ocasiões, e, na maioria das vezes, com os da elite, dos que tinham condições de frequentar as preleções e pagar pelo ensino deles. Boa parte dos jovens com os quais Sócrates confabulava pelos ginásios, ruas e praças eram alunos de eminentes sofistas. Sócrates viveu entre os anos de 469 e 399 a.C., e Platão, que foi um de seus discípulos, entre 428-348 a.C.

Apolodoro, em sua *Crônica*, situa o nascimento de Platão na octogésima oitava olimpíada [entre 428-425], no sétimo dia do mês Targélion [mês de maio] [...]. Hermipo diz que ele morreu quando participava de um banquete nupcial [...], aos oitenta anos. Neantes, todavia, diz que ele morreu com oitenta e quatro anos”.¹

Não consta explicitamente que Platão tivesse frequentado os ensinamentos de algum renomado sofista, mas seria muito ingênuo, inclusive falso, presumir (sendo ele um jovem da elite ateniense, e pelas constantes referências, em seus diálogos, aos mais renomados sofistas) que não tivesse se aproximado deles. O sofista mais antigo foi Protágoras de Abdera, que viveu entre os anos de 490 a 415 a.C. Depois dele, entre os mais afamados (por ordem cronológica), vem Górgias de Leontinos, 485 a 380 a.C., e, na sequência, Antifonte de Ramnunte, 480 a 411 a.C.; depois vêm Pródico de Ceos, 465 a 400 a.C., Hípias de Élis, de 460 a 400 a.C., Crítias de Atenas, 460-403 a.C. e, enfim, Trasímaco de Calcedônia, 459 a 400 a.C. Sócrates foi contemporâneo de todos eles. Platão, por sua vez, tinha 17 anos quando morreu Ramnunte, 23 quando morreu Protágoras, 25 quando morreu Crítias (seu primo em segundo grau), 28 quando morreram Pródico, Hípias e Trasímaco, enfim, 48 quando morreu Górgias. Na ocasião do assassinato de Sócrates, Platão tinha 29 anos.

1. DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, III, § 2-3. Salvo indicação contrária, todas as traduções presentes neste livro são minhas.

O chamado *sofista* foi o mestre (*didáskalos*, segundo a expressão grega²) do útil (da utilidade) e do oportunismo. O acesso, e, consequentemente, a posse de um saber especializado era um privilégio disponível apenas para os filhos da riqueza: dos chamados homens livres (*eleútheroi*³), ou seja, dos filhos dos cidadãos que dispunham de uma boa condição econômica, razão pela qual eram tidos como *livres*, isto é, com ócio e folga suficientes para usufruir do cotidiano cívico. Foi, então, em vista dos filhos dos chamados *homens livres*, que, primordialmente, os sofistas mercantilizaram o saber. No decorrer do tempo, a oportunidade se espalhou no sentido de atender os interesses práticos dos cidadãos, em particular dos jovens que saíam em busca de alguma habilidade ou ofício com o qual pudessem se profissionalizar e melhorar a sua condição de vida na *pólis*. Os mestres da sofística geraram outros mestres que encontraram nessa atividade a boa ocasião e o bom meio de ganhar a vida. Passaram, assim, a existir *mestres* nas mais diversas habilidades e a diversos preços, e de distintas qualidades. É o estudo que faz o mestre, que, por sua vez, só se torna realmente mestre quando se faz professor, em cuja condição se mantém sempre como um estudante.

À medida que os sofistas se dirigiram prioritariamente aos jovens da riqueza (que não careciam de se habilitar em ofício algum, e que tinham dinheiro o bastante para pagar vultosos honorários), a disciplina mais procurada foi a da Retórica. Ela era oferecida em vista dos que al-

2. De ora em diante optamos por portuguêsar o substantivo *didáskalos* (professor, mestre) por *didáscalo* (no singular) e *didáscalos* (no plural). O termo, na literatura filosófica grega, comporta uma grande riqueza de significados: o verbo *didáskō* expressava o ato de ensinar dentro de uma significação prioritária referida como *pegar pelas mãos, conduzir*, verbo que denotava, enquanto atividade de ensinar, um ato amoroso que implica atenção, cuidado e dedicação. Por isso que o referido como *didaskalia* não dizia respeito apenas ao ensinamento, e sim a um modo próprio de como se conduzir ou de portar-se referente quer ao mestre quer aos ensinamentos que o mestre deseja veicular. O significado do *didáskalos* deriva desse contexto, termo que indica não só a atividade de ensinar, como também um modo de se portar, e também de conduzir o ensino em vista de um proveitoso acolhimento.

3. Dedicamos a este assunto o item 4 do cap. IV do livro *Ética e política* (2017): “O conceito de liberdade (*eleutheria*) aplicado ao cidadão, ao ensino e à escola”, p. 156-168; idem o artigo “O *eleútheros* da Grécia: o despertar da liberdade”. *Acta scientiarum: Human and Social Sciences*, Maringá, v. 40, n. 1, p. 1-11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/37997/pdf>. Acesso em: 4 ago. 2024.

mejavam a carreira política, de orador ou de tribuno, ou, simplesmente, para se capacitar (a título de um ornamento ou ilustração) no sentido de fazer *boa figura* na convivência cívica e cidadã. Foi, então, a ascensão e o prestígio da Retórica que levou paulatinamente a civilidade grega a um outro patamar. Ela multiplicou os oradores populares e, a par deles, os *logógrafos*, os escritores do logos a ser proferido nas assembleias populares e nos tribunais. Foi, nessa ocasião, a Retórica que estimulou a reflexão filosófica pelos ginásios, pelas ruas e praças, uma atividade reflexiva da qual Sócrates, um soldado que tinha seu estipêndio garantido pelo Estado, veio a ser o mais aclamado expoente. Entre uma guerra e outra, ele exercia uma intensa atividade filosófica como debatedor cívico perambulante. Consta, no *Timeu*, uma lei ancestral entre os gregos, implementada por Sólon, segundo a qual à classe dos guerreiros (da qual Sócrates fazia parte) era proibido “ocupar-se com qualquer outra atividade tirante a da guerra”.⁴ Segundo relato de Xenofonte, Sócrates “pela manhã saía a passeio e frequentava os ginásios [nos quais praticava os exercícios obrigatórios do guerreiro], mostrava-se na Ágora à hora em que fervilhava de gente e passava o resto do dia nos locais de maior concorrência, o mais das vezes falava, podendo ouvi-lo quem quisesse”.⁵

Com a Retórica, e sob o pressuposto de que ela era *a arte de persuadir* e de convencer, e, sobretudo, de fazer *boa figura*, a prioridade da instrução especializada dos gregos findou, enfim, em uma espécie de fraude à medida que a instrução passou a ser oferecida e buscada como meio e ocasião, não propriamente de se ilustrar, e sim de estampar, feito uma vestimenta, uma vaidade ou um orgulho cívico. Sócrates, no *Górgias*, lamenta dizendo que a Retórica, ao se fazer “obreira da persuasão”, se ocupou em apenas “promover crenças”, e não conhecimentos, sem qualquer

4. *Timeu*, 24b.

5. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, I, 1, 10.

preocupação relativa ao que é justo ou injusto, verdadeiro ou falso.⁶ A frequentação aos ensinamentos dos mais renomados e caros sofistas (independentemente do aprendizado) sinalizou uma outra e nova identidade de pertencimento quer a uma elite social seleta (dotada de *status* de riqueza, de direitos e de poder), quer a uma outra estirpe de *sábios* interessados em seu próprio bem-estar e no seu sucesso sem qualquer compromisso com os destinos da *pólis*.

Ao priorizarem o ensino da Retórica, os sofistas ganharam fama como mentores de uma vida cívica sustentada por umas quantas fraudes, especialmente a que capacitava os da elite a construir um logos falaz, ardisso e embusteiro. Tratava-se de um logos que findou capaz de promover convencimentos que autenticavam o *status quo* de ocasião desatento aos valores tradicionais erigidos pelo consuetudinário, sem qualquer compromisso com as instituições (especialmente com o legislativo e o judiciário), e indiferente às necessidades e aos interesses dos cidadãos. O excesso de valor dado à retórica, no confronto da filosofia e da ciência, desqualificou a busca por conhecimento e saber; e, no que concerne à vida cívica, abriu espaço para a destruição da soberania da *pólis*. O maior interesse cívico, naquele momento, veio a ser o sucesso e a prosperidade do cidadão individualmente considerado, e não mais a felicidade e o desenvolvimento do todo da *pólis*. Foi assim que principiou e se intensificou a decadência que levou a Tessália, a Ática, e, com ela, todo o Peloponeso a sucumbir ao poder imperial e expansionista da Macedônia. A *pólis* grega deixou de ser um *todo* para se restringir a um conjunto de interesses subjetivos cooptados em favor de benefícios individuais e familiares.

Foi por força dessas e outras circunstâncias que se deu (entre a segunda metade do século V e a primeira metade do século IV) o desper-

6. *Górgias*, 455a. Por questão de comodidade nos servimos, para todos os diálogos de Platão do site de Remacle: *Dialogues*. Texte grec: ed. John Burnet, 1903, corrigée par Philippe Remacle. Traduction française par Victor Cousin. Paris: 1822-1840. 13 v. Disponível em: <http://remacle.org/bloodwolf/philosophes/platon/loisindex.htm>. Acesso em: mar. 2024. Quando não citamos um tradutor dos textos estabelecidos, a tradução é de nossa responsabilidade, com auxílio de outros tradutores, como pode ser observado nas Indicações bibliográficas.

tar das duas mais salientes figuras da *pólis* ateniense: Platão e Isócrates.⁷ O primeiro se empenhou no sentido de sobrepor a filosofia à retórica (sem, entretanto, abdicar da eloquência no filosofar); o segundo, em dar à retórica uma função educadora (sem abdicar da filosofia). Ambos fundaram escolas, Platão a Academia, e Isócrates, a Escola Retórica de Atenas, para o que, igualmente, se valeram dos sofistas almejando o sucesso. Os sofistas eram os principais, os mais ouvidos e os mais afamados mestres da ocasião. Eram eles que se sobrepunham aos demais na contemporaneidade de Sócrates e na juventude de Platão e de Isócrates, que, aliás, teve por mestres vários sofistas: Protágoras, Górgias, Pródico. *Ter por mestre* naquela ocasião significava ter aprendido com ele alguma coisa que veio a se acrescentar ao universo da sabedoria que alguém dizia possuir.

Os sofistas, a rigor, não foram os mestres do malfeito da vida grega, e sim *da realidade como ela é*, sem, entretanto, cultivar a preocupação de transformá-la. Eles foram os mestres do uso da palavra e do manuseio da linguagem, exímios gramáticos e logógrafos, mestres da sinonímia, sem, todavia, fazer uso de tais habilidades na defesa do que os filósofos reivindicavam como belo, bom e justo. Muitos deles, oportunistas, não fizeram mais do que se colocar a serviço das aspirações e reivindicações, e até mesmo das vilanias humanas próprias da época. Positiva e negativamente, eles promoveram um amplo despertar da civilidade grega. Eles forçaram a inteligência filosófica (aquela que se alimenta de princípios de razoabilidade e de bom senso) a pensar e a reavaliar, sob parâmetros do que é belo, bom e justo, a civilidade em si mesma, e também a *areté* (a virtude) cívica mimada pelo consuetudinário. Sem os sofistas, a Grécia jamais teria sido o que foi, nem Sócrates, nem Platão, nem Isócrates teriam vicejado sob os parâmetros que conhecemos hoje.

Em nossos dias, a maior dificuldade, quanto a uma avaliação ou reavaliação mais sensata e realista desses mestres do oportunismo, decor-

re do exíguo relato dos *ditos e feitos* que deles restaram. Tiveram melhor chance os que efetivamente conseguiram se consagrar em seu tempo, ter uma ampla visibilidade pública e encontrar, junto aos diversos setores da intelectualidade e da cultura, os meios de difusão que os trasladaram para a posteridade. Deles restaram dois fundamentais conceitos com os quais essa mesma posteridade passou a identificá-los, o de *sofista* (referido ao indivíduo) e o da *sofística* (referido à atividade praticada por eles); das obras que produziram restaram apenas testemunhos acompanhados de relatos de opiniões a seu respeito, e fragmentos.

Dividido em duas partes, este estudo se ocupa, na primeira (a partir, sobretudo, dos escritos de Platão e de Aristóteles), em oferecer uma exposição geral a respeito dos conceitos de *sofista* e da atividade *sofística*; a segunda parte comporta uma exposição específica das obras e dos feitos dos sete principais sofistas: Protágoras, Górgias, Pródico, Trasímaco, Hípias, Antífonte e Crítias. Tomamos como fonte primária o elenco que o professor Hermann Diels (1848-1922), filólogo e helenista alemão, fez constar no compêndio *Os fragmentos dos pré-socráticos – Die Fragmente der Vorsokratiker*. A obra de Diels teve a sua primeira edição em 1903, e, até sua morte, em 1922, foi revisada e expandida em outras edições. Na sequência, entre os anos de 1934-1937, o professor, filólogo e historiador alemão Walther Kranz (1884-1960) tomou para si o cuidado da obra e se ocupou em reeditá-la, até 1952. O elenco dos sofistas aqui estudados comparece no segundo volume: *Die Fragmente der Vorsokratiker, Griechisch und Deutsch*, Von Hermann DIELS. Neunte auflage herausgegeben von Walther KRANZ. Zweiter band. Berlin-Neukölln: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung/August Raabe, 1959, p. 253-399. No conjunto, dispomos de outras fontes, como podem ser conferidas nas Indicações bibliográficas.

7. MACEDO, 2025.

PARTE I

*Exposição geral sobre o sofista,
o dialético e o filósofo*

I

Eram os sofistas filósofos e, os filósofos, sofistas?

1. O dialético, o sofista, o *filómito* e o filósofo

A rigorosa distinção que fazemos nos dias de hoje em relação ao *sofista* e ao *filósofo* grego não corresponde exatamente ao que os gregos pensavam. Aos olhos do povo grego, naquela ocasião, todos eram ao mesmo tempo filósofos e sofistas. Não havia uma distinção rigorosa entre eles, a ponto de o próprio Aristóteles, na *Metafísica*, dizer que “os dialéticos e os sofistas trajam as mesmas vestes (*skhêma*) do filósofo”.⁸ Os dialéticos, os sofistas e os filósofos eram entre si aparentados, e isso porque em todos comparecia um pouco de cada um. Todos os que manifestavam “amor pelo saber” eram chamados de *filósofos* quer por si mesmos (assim se autodenominavam) quer pelos outros. Ser *filósofo* significava, de um ponto de vista etimológico e semântico, exatamente isto: ser “amigo ou amante do saber”. Mas é evidente que nem todos amavam o saber do mesmo modo, nem com as mesmas intenções nem com os mesmos métodos; e aqui se põe toda a dificuldade quanto ao entendimento que se construiu a respeito de cada um deles.

O nome *filósofo* não comportava distinções rígidas naquele tempo, e um bom sofista era considerado tão valioso quanto um filósofo e,

8. *Metafísica*, IV, 2, 1004b 17. Tradução de Valentín García Yebra.

do mesmo modo, um retor, sendo que as escolas de retórica eram sempre bem mais procuradas que as de filosofia. Xenofonte, por exemplo, foi aluno, com o mesmo entusiasmo, do filósofo Sócrates, do retor e logógrafo Isócrates e do sofista Pródico, ao qual Xenofonte se refere como o *sábio* (*ho sophós*⁹). Assim sentenciou Isócrates a respeito de seu tempo: “o que acima de tudo causa maior espanto está em ver o povo não escolher como condutores (*dēmagōgoús*) cidadãos dotados da mesma disposição de ânimo dos que fazem a grandeza da cidade, e sim dos que falam e agem como os que a arruinam”.¹⁰

Era na disposição de ânimo em favor da edificação e não da ruína da mente humana, da prosperidade e da civilidade da *pólis*, da decifração e do entendimento do humano em seus domínios, em suas necessidades e complexidades, que estava o “valor, o mérito e a grandeza” dos que amavam o saber independentemente da designação de *sofista*, ou de retor, ou de orador, ou de poeta, ou de literato, ou de *filósofo*. Em Atenas imperava a liberdade como estímulo ao exercício do bom ânimo: “Seria um duro golpe para ti, meu caro Pólo [exclama Sócrates], se, estando aqui em Atenas, lugar no qual impera a mais plena liberdade da palavra (*exousía toû légein*) em toda a Grécia, que aqui fosses o único que não pudesses fazer uso dela”.¹¹

Pólo de Agrigento, originário da Sicília, foi um dos mais eminentes discípulos do também siciliano Górgias, que, por sua vez, foi discípulo de Empédocles de Agrigento, desse que fora discípulo de Parmênides. Nenhum sábio, entre os gregos, se fez sozinho, mas estudando e ouvindo os ancestrais, e, sobretudo, *dialogando* entre si. O conceito de *diálogo* (*dia-légō*) implica não um, mas pelo menos dois logos, ou seja, uma *duplicidade* que se *entrelaçam* reciprocamente em busca de alguma unidade e entendimento comum. A preposição grega *diá* comporta justamente a

9. *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*, II, I, 21.

10. *Discurso sobre a paz*, VIII, 122.

11. *Górgias*, 461e.

ideia de um entrançamento em que os logos em discussão se permeiam, e assim, entrelaçados, atravessados um no outro, vêm a se constituir em um *diálogo*: em dois ou mais logos harmonizados entre si. O entendimento racional recíproco é a característica fundamental de um *diálogo*, sem o que apenas se acirra crenças estabelecidas (com dogmas específicos e um profundo conflito de opiniões), restando somente o respeito e a tolerância como forma de convivência.

No diálogo *Górgias*, de Platão, o sofista Pólo é descrito como um jovem impetuoso, a ponto de sempre querer refutar sem antes ouvir o todo da argumentação, apenas as primeiras frases.¹² Essa era uma característica, que, do ponto de vista de Platão, denunciava que o sofista ia na contra-mão do filósofo. O sofista era alguém que não sabia ouvir, que se punha ansioso por falar, a ponto de, após ouvir uma ou outra frase, se apropriar do discurso, com o que desqualificava o *diálogo*, reduzindo-o apenas ao seu *logos*. O sofista, sob esse viés, era o cultor de um saber autoritário, sempre disposto a falar mais do que a ouvir, a comunicar o seu saber e o seu não saber mais do que se instruir. Seu maior objetivo consistia em se tornar visível, em reproduzir, perante o público, a sua estampa, e, enfim, ganhar a adesão de discípulos dispostos a comprar o seu saber.

Não há um registro no sentido de quando o designativo *sofista* se impôs entre os gregos, mas é bem provável que seja tão antigo quanto o de *filósofo*. O substantivo *sophistês*, na linguagem ordinária, caracterizava o indivíduo engenhoso que se aplicava e sobressaía no exercício de uma determinada arte manual ou intelectual nele reconhecida a título de uma habilidade, competência ou destreza própria de um sábio (do *sophós*). Alguém era tido como *sophistês* porque substantivava, em si mesmo, a *sophía* na forma de um conhecimento ou ciência. Foi por substantivar a *sophía* que o *sophistês* veio igualmente a ser adjetivado de *sophós*, termo que, em geral, os gregos reservavam a um Deus. Diz a tradição que foi Pitágoras o primeiro a negar para si, diante de seus discípulos, a condição superlativa

12. *Górgias*, 469c-d.

de *sophós*, admitindo ser apenas um *philósophos*, ou seja, um amigo ou amante ou afeiçoado pela sabedoria.¹³ Assim registrou Platão no *Fedro*:

Que nome [perguntou Fedro a Sócrates, referindo-se a Lísias, a Homero e a Sólon] queres lhes dar? Sócrates respondeu: se lhes dermos, Fedro, o nome de sábios [de *sophós*], isso me parece demasiadamente sublime, porque convém somente a um Deus; creio que o nome *philósophos* [amigo do saber] ou outro semelhante seria mais conveniente e apropriado.¹⁴

Fato curioso decorre de que o designativo *sophistés* era proferido nos termos de um substantivo, enquanto a designação de *philósophos* era aplicada como um adjetivo a título de uma qualificação de ânimo ou de um atributo relativo a um modo de ser ou de portar-se. O termo *philósophos* foi deliberadamente concebido no intuito de expressar o bom ânimo de quem se põe a deter em si mesmo, mediante uma dedicação disciplinada, o cultivo amoroso de tudo o que o conceito de *sabedoria* comporta. Platão, no *Fédon*, definiu assim o labor filosófico: como sendo uma obra do desejo (*epithymías estín*).¹⁵ No *Teeteto*, Sócrates diz a Teodoro que o filósofo tem um *páthos*, ou seja, uma paixão ou uma sensibilidade que lhe é própria. “É bem própria do filósofo [sentenciou Platão, no *Teeteto*] esta afetação (*tò páthos*): o admirar (*tò thaumázein*), que está na *arkhè* da Filosofia”.¹⁶ Em outras palavras: é do filósofo a capacidade de se admirar ou de se deixar afetar por coisas ou acontecimentos que se dão à sua volta.

13. DK 31 Empédocles B CXXIX; Porfírio. *A Vida de Pitágoras*, 30. Quanto à sistemática da citação: em primeiro lugar, “DK” refere-se à obra de DIELS-KRANZ, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (cf. Indicações bibliográficas). O número após DK (na citação 31) diz respeito ao autor (no caso Empédocles). “A” corresponde à *Vida e doxografia* dos autores, “B” aos Fragmentos. Os números depois de A expressam a lista da *Vida e doxografia* concebida por Diels, depois de B, a lista dos fragmentos. Na sequência, separado por um ponto e vírgula, vem apenas com a inicial maiúscula o autor, depois, em itálico a fonte, seguida da numeração indicativa do lugar em que Diels retirou a doxografia ou o fragmento.

14. *Fedro*, 278d.

15. *Fédon*, 82e.

16. *Teeteto*, 155d.

Foi o *thaumázein* [escreveu por sua vez Aristóteles] que levou os homens, hoje como no começo, a filosofar, primeiramente ocupando-se com as dificuldades mais óbvias, depois, pouco a pouco, progredindo até resolverem problemas maiores: sobre as fases da lua, do sol, das estrelas, e sobre a gênese do universo.¹⁷

A filosofia, entre os gregos, veio efetivamente a prosperar quando, para além da observação das coisas do alto, dos fenômenos que ocorrem no céu, se ocupou em entender e explicar a repercussão desses fenômenos na mente ou alma humanas, ou como tais fenômenos se apresentam ao redor e dentro do humano. Este foi o roteiro: assim como a medicina veio a prosperar envolvendo-se com o conhecimento do corpo, a filosofia encontrou a sua prosperidade ocupando-se em conhecer a alma humana e como nela repercute tudo o que se passa no corpo e de como o corpo e a alma são afetados dentro do *macrocosmo* em que se inserem.

Movidos por um senso de admiração, alguns indivíduos, sensíveis e engenhosos, começaram a se perguntar pelo que os afetava em seu campo de observação, diante do qual a primeira e primordial atitude filosófica consistia “em reconhecer a própria ignorância”.¹⁸ O filósofo se fez sábio procurando conhecer, inicialmente, as coisas simples, mais comuns, a fim de fugir da ignorância, e, claro, buscar o saber em vista de alguma ciência, não, a rigor, útil (em favor de alguma utilidade), mas como ilustração, ou seja, em favor de iluminar a mente e assim se desfazer da escuridão que povoa a alma humana de ansiedades e de medos. Foi assim que se fez o sábio que veio a ser chamado de *filósofo*: porque se deu conta de que a ignorância é um estado depravado da mente humana, um estágio de um humano destruído que só se eleva ou se edifica superando a ignorância da qual é detentor.

17. *Metafísica*, I, 2, 982b 12-13. *Ocupando-se* foi traduzido de *thaumásantes*, termo que veicula o sentido de *envolvimento*. Dedicamos ao tema um item específico “O *páthos*, o *thaumázein*, a *epithymía* e a *eidos*” no livro *Questões fundamentais da filosofia grega* (2006, p. 76-86).

18. *Metafísica*, I, 2, 982b 18.

Em meio à busca por explicações do que se passa ao redor, e mesmo no alto dos céus, o primeiro a despontar não foi propriamente o *filósofo*, e sim o *filómito*, aquele que começou a amar as explicações do mito. Assim sentenciou Aristóteles na *Metafísica*: “o que ama os mitos (*philomythos*) é, de certo modo, filósofo (*philosophós*), porque o mito também se compõe de elementos maravilhosos, de sorte que, se filosofaram para superar a ignorância, é claro que buscavam o saber em vista do conhecimento e não por alguma utilidade”.¹⁹ Vemos aqui um outro designativo entre os gregos relativamente aos que se ocupavam com a busca do saber ou ciência, cuja primordial característica consistiu em dar explicações. Foi assim que apresentaram os *mitólogos*, depois os *filómitos*, depois os que chamaram de *físicos* e, enfim, os *filósofos*. Todos eles se empenharam em buscar o *ser* para além do *aparecer* fenomênico, e isso fez a diferença.

Consideramos sábio [sentenciou Aristóteles] aquele que, para além das coisas simples, procura igualmente conhecer as de difícil acesso à inteligência humana, visto que, afinal, o sentir é comum a todos, e, portanto, fácil e nada sábio. Aquele que conhece com mais exatidão e é capaz de ensinar as causas das quais tomou ciência, esse o consideramos mais sábio do que qualquer outro.²⁰ [...] Teve razão [acrescentou, mais adiante, Aristóteles] Platão ao dizer que a sofística se ocupa com o não-ser; isso porque as explicações dos sofistas, quase sem exceção, incidem sobre aparências acidentais, por exemplo, se há diferença ou identidade entre *ser músico* e *ser gramático*, entre *Corisco músico* e *Corisco*, e se tudo o que é pode vir a ser outra coisa relativamente ao que é, por exemplo, sendo músico vir a ser gramático, ou sendo gramático vir a ser músico, e demais condições acidentais desse tipo.²¹

19. *Metafísica*, I, 2, 982b 18-21.

20. *Metafísica*, I, 2, 982a 10-14.

21. *Metafísica*, VI, 2, 1026b 14-21.

Por aqui se observa como a chamada sofística, e, com ela, o *sophistês* veio a caracterizar um modo, não propriamente de *filosofar*, mas de conduzir a reflexão teórica, ocupando-se, fundamentalmente, com as estruturas formais e não propriamente com o conteúdo, que, para ser eficiente, carece da posse de sabedoria. O *sophistês* veio a ser, nesse sentido, um nome daquele que se ocupou em prover o modo como conduzir uma boa discussão ou confabulação, recorrendo a vários artifícios que o levassem, em tudo, a se parecer mais entendido do que os sábios.²²

Feito um teórico formal de como filosofar ou fazer ciência, o *sophistês* se ocupou bem mais com a estrutura da eloquência (por isso o seu amor à retórica), com os arranjos formais do debate do que com o filosofar (com o fazer ciência) propriamente dito. Ele se interessou mais pela Sinonímia (pelos significados das palavras) do que com a lógica da argumentação, e por isso o seu amor à *dialética pela dialética* sem se interessar a fundo pela filosofia. São duas coisas, entretanto, que, em geral, caminham juntas: o saber fazer (o como se faz, no sentido, como diz Sócrates a Crítias, de prover “a ciência da ciência”²³) e o fazer enquanto aplicação, na prática, do *saber fazer*.

No diálogo *Sofista*, Platão descreveu o *sophistês* como sendo aquele que separa tanto o devir do ser²⁴ quanto a forma do conteúdo. Sob esse ponto de vista, no diálogo *Protágoras*, ele o concebe sob dois aspectos: um, como alguém que conhece bem uma certa técnica de convencimento, com a qual persuade o interlocutor a dar crédito ao que ensina, independentemente da veracidade ou eficácia de seu ensinamento. Nesse sentido, o que mais importa é a persuasão, e não o saber, é a garantia dos honorários, e não o resultado ou a eficácia do ensino; outro, como alguém que realmente detém a posse de alguns saberes, conhece, por exemplo, a poesia de Homero e de Hesíodo, o cálculo, a astronomia, a geometria, a música, mas não se

22. *Górgias*, 459c.

23. *Cármides*, 169d, 170a, 172b, 174d.

24. *Sofista*, 248a.

aprofunda em nenhum desses saberes, tampouco quer fazê-los prosperar. Seu maior objetivo consiste em se apropriar de algum saber disponível (de preferência os mais procurados) e vendê-lo a bom preço, sem qualquer preocupação, no sentido da serventia ou da utilidade em favor do discípulo.

Eis aí duas características, concernentes aos sofistas, que foram muito criticadas por Sócrates, Platão e Aristóteles. Não se trata propriamente de dois tipos de sofistas, e sim de “qualidades” cultivadas por eles e com as quais tiveram grande sucesso entre os gregos. Uns se valiam mais da retórica, outros da dialética, e, antes de cultivarem o *amor ao saber*, amavam, mais do que tudo, o soldo (*misthós*) ou o honorário que almejavam. É interessante aqui destacar (sem que haja uma relação direta com os chamados *filósofos pré-socráticos*) uma espécie de jogo de palavras feito, na *Metafísica*, por Aristóteles entre o que denomina de *filómito* e de *filósofo*: “aquele que ama os mitos (*philomythos*) é em certo modo filósofo (*philosophós*), pois o mito se compõe de elementos maravilhosos. De sorte que, se filosofaram para superar a ignorância, é claro que buscavam o saber em vista do conhecimento, e não por alguma utilidade”.²⁵

Temos, pois, duas designações que se conjugam na cultura filosófica grega: a do *philomythos* (daquele que ama o mito) e a do *philosophos* (daquele que ama o saber), às quais, entretanto, poderíamos acrescentar a do *philomisthos* (daquele que ama o soldo). Trata-se de uma designação que expressaria muito bem uma característica prevalente do *sophistês*, do *didáscalo* popular que perambulava de *pólis* em *pólis* motivado mais pelo soldo do que por espalhar e difundir saberes por toda a Grécia. Não foi, com efeito, essa alcunha que os envileceram, e sim outros fatores que não recaíam sobre todos, mas, especificadamente, sobre aqueles que se valiam da condição de *didáscalo* por amor apenas ao dinheiro e não ao saber. Eram indivíduos que *aparentavam* ser mestres, e isso porque não se ocupavam nem com a verdade (caracterizadora da ciência) nem com o aprendizado

25. *Metafísica*, I, 2, 982b 18-21.

dos discípulos, ou seja, em oferecer um saber útil e valioso para os que se dispunham a comprá-lo.

Sob todos os aspectos, eles são (sobretudo por Platão) criticados como *mestres* que garantiam ensinar a virtude e a civilidade sem que eles próprios se dispusessem a ser cívica e intelectualmente virtuosos e civilizados. No dizer de Platão, muitos deles reduziam tudo a um *discurso sem ação*,²⁶ visto que concentravam toda a força e o interesse da mestria em promover persuasão e não instrução,²⁷ sem se ocupar com o destino de seus discípulos ou daqueles nos quais se ocupavam apenas em insuflar a arrogância, em vez de provê-los de sabedoria. O que facilitava a vida do presumido *mestre* eram os discípulos que, tal como ele, amavam apenas o *glamour* exibicionista de um saber que compravam, por um lado, honrados por ter dinheiro suficiente para comprá-lo; por outro, por ter “ignorância” o bastante para se sentirem orgulhosos de um saber que não possuíam.

2. Os novos Orfeus da escolaridade grega

Os nomes *filósofo* e *sofista* por vezes se aplicavam a uma mesma pessoa. Esse foi, por exemplo, o caso de Aristipo de Cirene, discípulo de Sócrates e um contemporâneo de Platão. Consta em Diógenes Laércio que Aristipo, como filósofo, exercia igualmente o ofício de sofista porque retirava da função de *didáscalo* os honorários de que carecia para sobreviver. Ele “foi se estabelecer em Atenas por causa da reputação de Sócrates, e, uma vez ali instalado, se pôs a ensinar sob pagamento, coisa que nenhum discípulo de Sócrates, antes dele, havia feito”.²⁸

26. *Górgias*, 450d-e.

27. *Górgias*, 45e.

28. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, II, 8, § 65. Por questão de comodidade, nos servimos fundamentalmente da tradução para o francês de M. CH. Zevort (1847), disponibilizada em: <https://remacle.org/bloodwolf/philosophes/laerce/table.htm>. Mantivemos o título conforme a tradução, reconhecida entre nós, de Mário da Gama Kury (cf. Indicações Bibliográficas).

No mesmo Diógenes Laércio é dada como de Aristipo a seguinte proposição:

“Aristipo costumava comparar os que desejam a filosofia, e que, entretanto, se contentam com a escolaridade básica (*tôn enkyklíōn paideumátōn*), aos pretendentes de Penélope, que, mesmo desejando desposá-la, se apossavam das Melantos, das Polidoras e de outras servas, bem mais fáceis de possuir que a soberana.”²⁹

Essa mesma proposição, sob outros termos, comparece em Hermann Diels como *fragmento incerto* atribuído a Górgias. “O retor Górgias, a respeito dos que negligenciavam a filosofia para se consagrar às ciências do ciclo básico (*tà enkýkliā mathémata*), dizia que eles se assemelhavam aos pretendentes de Penélope, que, enquanto desejavam a patroa, se deitavam com as servas”.³⁰

Sócrates também foi considerado pelos gregos como sofista, mas não em função dos honorários que recebia, e sim dos métodos e da ritualística de que se valia. Ele, afinal, era um soldado hoplita, desses que estavam sempre disponíveis à convocação para a guerra. Esse era o seu ofício, e era dele que retirava o seu soldo. Ele era considerado sofista por exercitar, em suas confabulações filosóficas, o mesmo *método do logos duplo* concebido por Protágoras e Górgias. Mesmo, por vezes, chamado de sofista, ele nega essa referência, mas não que fosse possuidor da *arte* ou habilidade própria de um sofista. No diálogo *Laques*, de Platão, Sócrates assim se manifesta:

No que me concerne, nunca tive um mestre (*didáskalos*) na arte sofística, embora tenha desejado possuir essa arte desde a minha juventude; mas eu não tinha recurso (*khrémasin*) suficiente para pagar os sofistas, únicos que, para mim, se diziam capazes de me fazer um homem distinto e valioso (*kalón te kágathón*, belo e bom). Tenho,

29. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, II, 7, § 79.

30. DK 82 B XXIX; *Gnomologium Vaticanum*, 743, n. 166, ed. L. Sternbach.

entretanto, que admitir que até hoje ainda não consegui conquistar sozinho essa arte.”³¹

Filodemos de Gadara, um filósofo epicureu do século I a.C., contemporâneo e amigo de Cícero, se refere, por exemplo, a Antifonte nestes termos: “o retor ou o filósofo Antifonte, ou como vocês quiserem” chamá-lo.³² Na *Suda*, uma enciclopédia bizantina do século X, consta que Hípias de Élis fora “sofista e filósofo”, e que ele “definiu a *autárkeia* [a senhoria de si] como o *télos* supremo da vida humana, e escreveu numerosas obras”.³³ Entre os gregos, o nome *sofista* era um termo abrangente aplicado não só ao *professor* ou *didáscalo* perambulante, mas a todos aqueles que, tendo adquirido (*comprado* de outro sofista) alguma instrução, se dispunham a fazer o mesmo, e, com isso, promover um saber precário e persuasões enganosas. O nome sofista, nesse contexto, era aplicado aos professores, inclusive aos mestres-escolas perambulantes, que cobravam pelo seu ensino oferecido para além das disciplinas básicas estatais. O mestre-escola do Estado ganhava o seu soldo no exercício de seu ofício.

O sofista, em sentido amplo, era tido como aquele que cobrava pelo seu ensino, do qual retirava o seu soldo; em sentido mais restrito, designava o charlatão. Essa segunda pecha veio em consequência de uma extensa degeneração, ampliada no decurso do tempo, desde o mais remoto dos aedos. O aedo teve como seu principal expoente Orfeu. Desse movimento também participaram Homero e Hesíodo, poetas e rapsodos que desempenhavam um papel civilizatório nos trajetos das *póleis* gregas. No ir e vir, mediante representações realizadas nas praças e nos mercados (nas ágoras), imprimiam uma memória rememorada em histórias e tradições orais disseminadas pela Grécia. Acompanhados de instrumentos (do au-

31. *Laques*, 186b-c.

32. DK 88 Antifonte B XCIII; Filodemos, *Sobre os poemas, Herculanensium voluminum quae supersunt, collectio altera*, [HV²], 187, 3, 2 ed.

33. DK 86 A I; *Suda*, “Hípias”, ι 543.

los, da cítara ou da lira), recitavam e cantavam as tradições e os anseios heroicos da vida grega como forma de entretenimento, de educação e de preservação do consuetudinário e da cultura.

O fenômeno do professor perambulante, desde os tempos remotos (despertado pelo movimento dos aedos e da rapsódia), não era incomum, e esta veio a ser uma das características que definia o chamado *sofista* como sendo aquele que ganhava a vida como *didáscalo* público. Quanto aos filósofos, existiam, entre os gregos, dois tipos bem delimitados: os aristocratas e os “mendicantes”. A filosofia fundamentalmente prosperou entre os chamados *homens livres* da Grécia, em meio a indivíduos interessados em se ilustrar, mas com tempo livre, ócio e folga econômica o bastante para amar o saber dentro das condições que o referido amor requeria: pôr-se no encalço de um mestre, adquirir livros, empreender longas viagens, etc. O segundo tipo se avolumou sobretudo entre os pitagóricos pela tradição denominados depreciativamente de *pitagoristas* ou *pitagorizantes*.³⁴ Eles foram objetos da sátira, e assim transformados em personagens preferidos das comédias, como, por exemplo, em Aléxis (poeta cômico do século IV a.C.), na sua peça cômica *A mochila*:

Pitagorismos e falas sutis, e depois pensamentos esculpidos em belo estilo, eis o que os alimenta. Quanto ao pão de cada dia, um pedaço seco para cada um, uma jarra d'água, e é tudo. Esta é a dieta própria de um prisioneiro! Todos os sábios, diga-me, têm uma tal dieta? Eles têm que aguentar tais sofrimentos? E olhe lá que se trata de uma dieta suntuosa! [...] Era preciso aturar a ausência de alimentos, a sujeira, a geada, o silêncio, o tédio e a falta de banho.³⁵

Teócrito, um outro poeta bucólico do século III a.C., zomba dos chamados *pitagoristas* nestes termos: “Alguém acaba de chegar! É um

34. Tratamos no livro *Filósofos pré-socráticos* (2025).

35. DK 58 Escola pitagórica, E I; Ateneu. *Os deipnosofistas*, IV, 160 F.

pitagorista! Ele tem um ar de doente e está descalço!”³⁶ Eles perambulavam pela Grécia feito mendigos: “Enquanto os pitagóricos cuidam muito do aspecto físico, os pitagoristas, ao contrário, vivem continuamente embrulhados em seu manto e com a pele encrostada de sujeira”.³⁷ Os pitagóricos, através dos tais *pitagoristas*, contribuíram para envilecer e ridicularizar a figura do filósofo perambulante, que veio a se contrapor aos sofistas perambulantes. Enquanto uns se vestiam como mendigos, outros se paramentavam como Orfeu, no mesmo estilo dos rapsodos, ganhavam credibilidade e promoviam o encantamento público. Platão diz que Íon, “general e rapsodista da Grécia”, portava uma coroa de ouro quando ia de cidade em cidade recitando versos, sobretudo os de Homero.³⁸

Orfeu foi o poeta e o rapsodo que veio a ser o ícone da pedagogia educadora dos primórdios da cultura grega. Ele se valeu da habilidade da rapsódia, da poesia e da música, a fim de encantar o público de seu tempo, levando-o a dar crédito aos deuses, aos *daímones* e aos mitos ancestrais. Orfeu foi também um dos primeiros a acercar o seu ensino de rigor retórico como meio de seduzir e de cativar. Era assim que Orfeu se vestia: na cabeça portava a mitra, nas mãos, luvas e um cajado com báculo, por sobre a túnica, o pálio e a casula. Por detrás de sua vestimenta havia, entretanto, muita sabedoria, e não apenas orgulho e autoridade.

Orfeu foi a figura mais cativante do *aedo*. Ele expressava, em uma só pessoa, o poeta (criador) e o rapsodo (recitador), e também o cantor, que declamava seus versos ao som da lira ou da cítara, por vezes tocada por ele mesmo. “Crítias afirma que Orfeu foi o primeiro a conceber o hexâmetro dactílico”.³⁹ O hexâmetro (*héx*, seis + *métron*, medida) obedecia a um es-

36. DK 58 Escola pitagórica, E I; Teócrito. *Idílios*, XIV, v. 5.

37. DK 58 Escola pitagórica, E I; [Escólio] Sobre Teócrito, *Idílios*, XIV, v. 5.

38. *Íon*, 541b-c.

39. *metrum dactylicum hexametrum inventum primitus ab Orpheo, Critias asserit* (DK Crítias B III; Málio Teodoro, *Sobre a métrica*, VI, 589, 20 ed. Keil).

quema rítmico⁴⁰ chamado dactílico composto por uma sílaba longa e duas breves, que na recitação dava cadência a ponto de o rapsodo aparentar que estava cantando. Por isso, ele se fazia acompanhar de um instrumento musical ou apenas batia, no chão do palco, o pé ou um cajado, a fim de marcar o ritmo e também internalizar a cadência da recitação.

Por sofista, os gregos identificavam não só os *didáscalos* públicos como também os (filósofos) *dialéticos*, aqueles que ensinavam a arte da argumentação e da promoção da discórdia, com a qual fomentavam a habilidade de promover o embate das opiniões mediante argumentos discordantes. Saber argumentar e saber discordar em favor da defesa das próprias opiniões, tal habilidade, por princípio, não contém qualquer engodo ou má intenção, ao contrário, qualifica quem, com razoabilidade e bom senso, dessa habilidade faz uso. Platão, em geral, em seus escritos, apresenta os sofistas como sábios mestres, mas não em tudo sensatos, a ponto de, em muitos casos, imperar a insensatez, contra a qual ele efetivamente se indispõe.⁴¹ No *Eutidemo*, Platão compara a capacidade argumentativa do sofista à hidra, dizendo que “se alguém corta a cabeça de um argumento”, ele logo apresenta vários outros argumentos a serem refutados.⁴²

A atitude dialética contra a qual Platão se indispõe diz respeito ao uso da promoção da discórdia como meio de atizar embates teóricos com a finalidade de apenas, mediante discursos vazios, vencer uma certa discussão sem qualquer outro proveito senão o da desqualificação do interlocutor e de seus argumentos. No *Teeteto*, temos um exemplo do que isso significava: poderíamos, propõe Sócrates, como passatempo, “testar uns aos outros, lutar entre nós à maneira dos sofistas”.⁴³ Este era o modo como discutiam: eles entre si confrontavam seus argumentos, comparavam os

40. Entre nós, Carlos Alberto Nunes praticou com esmero a metrificação hexamétrica em suas traduções da *Eneida* de Virgílio, da *Iliada* e da *Odisséia* de Homero. O *De rerum natura* de Lucrécio foi composto em hexâmetro dactílico.

41. *Górgias*, 519c.

42. *Eutidemo*, 297c.

43. *Teeteto*, 154e.

seus discursos, a fim de avaliar qual era o mais atrativo e convincente, e, enfim, qual proporcionava um maior rendimento econômico, agradecimentos e aplausos. A “luta sofisticada” era corriqueira entre os gregos, travada como um jogo ou certame ao modo das trovas cultivadas pelos rapsodos em suas recitações festivas e públicas.

Diz Xenofonte, no *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*,⁴⁴ que o sofista Antifonte, em uma discussão teórica, ao acusar Sócrates de não ser capaz de sequer “vender o que sabia”, Sócrates retrucou: “os que a vendem a suposta sabedoria de que dispõem ao primeiro que aparece, são esses os que nós chamamos de *sofistas* ou prostituídos”.⁴⁵ Quanto à expressão *nós chamamos de sofistas*, o *nós*, da referência, não cabe concedê-lo aos populares, e sim aos intelectuais da época, em particular aos que não careciam de um soldo derivado da *venda* de seu saber. Vimos que Sócrates tinha garantido o seu salário como soldado hoplita, e que, entre uma guerra e outra, se punha a filosofar. Além de seu soldo, ele contava com o auxílio de alguns amigos ricos, de Críton (amigo de infância) e de Alcibiades (do qual era o hoplita, e salvou-lhe a vida mais de uma vez).⁴⁶ É certo, igualmente, que não foi por pura gratuidade ou mera honradez que Sócrates atendeu ao convite de Péricles para ser o preceptor do jovem Alcibiades.

No *Banquete*, Platão põe na boca de Alcibiades os seguintes testemunhos: nas batalhas, “a minha segurança” dependia de Sócrates, tanto que, certa vez, quando fui ferido, ele não me abandonou e “conseguiu salvar minhas armas e minha vida das mãos do inimigo”. Nessa ocasião, diz Alcibiades, “queria que fosse Sócrates a receber o prêmio de bravura

44. Título original, *Apomnēmoneumatōn*, literalmente, *Memoráveis*, em referência ao que de extraordinário Sócrates disse e fez; por isso o título em português *Ditos e feitos memoráveis de Sócrates*.

45. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, IX, 8, § 50.

46. Dedicamos vários estudos sobre Sócrates, por exemplo, “A relação de Sócrates com a filosofia e com o seu *daimônion*”, no *Questões fundamentais da filosofia grega*, (2006, p. 101-140); “Sócrates e Xantipa: a subversão do *éthos* convencional”, no *Ética e política: a edificação do *éthos* cívico da paideia grega* (2017, p. 191ss.); “O discurso de Sócrates/Diotima e o de Alcibiades”, no *Educação e sexualidade no perímetro cívico da pólis grega* (2021, p. 185ss.).

militar, mas os generais, por respeito à patente, concederam-no a mim e não a ele”. Em outra circunstância, quando derrotados em Délío, e quando o exército batia em retirada, e a tropa já estava dispersa, “eu a cavalo e ele como hoplita, acompanhado de Laques, gritei para que tivessem coragem, e que eu não os abandonaria”.⁴⁷ Foi quando adolescente que Alcibiades teve Sócrates por seu tutor, assim como Aristóteles veio a ser o de Alexandre. Platão dedicou a Laques um diálogo, justamente sobre o tema da coragem ou *bravura*. “São esses [diz Laques a Sócrates] os meus sentimentos a teu respeito, desde o dia em que enfrentamos juntos os mesmos perigos e tu deste prova de tua bravura”.⁴⁸

II

O sofista, o *didáskalos* público e a educação estatal

1. Os novos tempos da instrução grega

A designação de sofista foi uma forma de os gregos identificarem os que faziam do ensino profissão, inclusive da leitura pública das obras dos poetas, dos dramaturgos, dos filósofos, etc., e cobravam para isso. Na época, o grande público era de auditores, não de leitores, e os livros eram escassos. Quando dizemos *livros*, na Antiguidade, cabe entender algo não muito extenso: um livro correspondia apenas a um modesto rolo de papiro ou a um couro de cabra ou de ovelha, muito raramente de grandes animais. O papiro era mais caro e mais escasso que um couro de ovelha ou cabra preparado para esse fim. Um *livro* não se replicava facilmente, a não ser apenas em poucos papiros ou couros encomendados por alguns eruditos da riqueza. Não sendo replicados, os livros eram publicamente lidos, e era assim que fomentavam uma memória, digamos, “coletiva” com a qual se disseminava e ampliava o acesso à instrução e ao saber. Todo livro, afinal, é surdo e mudo até encontrar alguém que lhe dê ouvidos e voz.

Protágoras e Pródico de Ceos ganhavam a vida fazendo *leituras públicas*, sendo que “Protágoras foi o primeiro a exigir cem minas a título e honorários”.⁴⁹ Em geral, não era apenas um indivíduo que contratava

47. *Banquete*, 220e-221a-b; cf. também *Laques*, 180e.

48. *Laques*, 189b.

49. DK Protágoras A I; Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, IX, 8, § 50 e § 52.

um leitor público, mas vários indivíduos, que (em meio à riqueza) se reuniam na casa de um ou outro saliente aristocrata, a fim de ouvir a leitura e promover debates entre eles. Distinto do *didáscalo*, do mestre-escola do ensino gratuito e obrigatório oferecido pela *pólis*, o sofista veio a ser o *mestre sobre qualquer assunto* que cobrava honorários dos discípulos que o contratavam por seu ensino. As famílias mais abastadas contavam também com pedagogos, preceptores ou tutores pagos para acompanhar o ensino de seus filhos (como foram os casos de Sócrates com Alcibíades, Aristóteles com Alexandre, Diógenes de Sínope com os filhos de Xeníades⁵⁰). A fama do sofista era feita pelos auditores e discípulos que difundiam informações sobre a qualidade da leitura, do ensino e do aproveitamento que conseguiam ter com as aulas deste ou daquele *didáscalo* público profissional.

Nem tudo, na vida grega, era glamour. Havia muita pobreza e carência por lá. O acesso ao saber era oferecido gratuitamente pela *pólis* aos meninos até completarem o ciclo da educação básica: da chamada *enkýklios paideía*.⁵¹ O ciclo compreendia as disciplinas do ensino fundamental indispensáveis para o exercício da vida cívica: aprender a ler (que compreendia disciplinas da gramática e da sinonímia, e o estudo das obras poéticas), aprender a escrever (manusear o estilete), a decifrar a escrita, e, enfim, saber contar (manusear cálculos). Os cadernos dos alunos se restringiam a uma tábua (cuidadosamente aparada para esse fim) untada com parafina, na qual o aluno com seu estilete grafava as lições do aprendizado e as tarefas escolares.⁵² A título de curiosidade, cabe destacar o que Platão sentenciou na *Carta II*, dirigida a Dionísio: “É forçoso que eu me manifeste novamente, porém, valendo-me de enigmas, a fim de que,

50. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VI, II, § 30-31.

51. Dedicamos dois artigos ao tema: a) “O ciclo de estudos básicos (*egkýklios paideía*) da escolaridade grega”, *Revista Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 30, n. 60, p. 603-643, 2016; b) “O conceito grego da *egkýklios paideía* e sua difusão no período helenístico”, *Hybris: Revista de Filosofia*, Viña del Mar, v. 7, n. 1, p. 32-58, 2016. Disponíveis on-line.

52. *Protágoras*, 326d.

no caso de ocorrer com esta tábua (*déltos*) algum acidente em terra ou no mar, quem ler não compreenderá a sua mensagem”.⁵³

Os filhos dos ricos, como sentenciou Platão no *Protágoras*, “começavam muito cedo a frequentar a escola”, e eram “os últimos a deixá-la”.⁵⁴ Disso não segue que viessem a ser os melhores cidadãos: “Já vi [sentenciou Eurípides] filhos de pais nobres que em nada são valiosos, e filhos de vilões que são homens excelentes. Vi também miséria no coração do rico, e muita riqueza [*phronémati* = grandeza de alma] no corpo do pobre”.⁵⁵ Mesmo na fase da escolaridade básica, o menino podia frequentar (por conta dos pais, e como complemento) mestres particulares quer do ensino básico quer de outros interesses, por exemplo, aprender a tocar a lira ou cítara, a cavalgar, habilitar-se em exercícios de ginástica, etc. Esse complemento, entretanto, findava apenas disponível para os jovens que tinham tempo livre e para os pais que podiam pagar por um ensino suplementar, dispor de escravos (*pedagogos*⁵⁶) ou de tutores pagos visando ao acompanhamento nas atividades escolares. Os jovens personagens da dialógica platônica são sempre jovens ricos e bem-apegoados. Os filhos da pobreza iam da escola às oficinas ou a cumprir outros afazeres cívicos, sobretudo dedicados ao transporte de fardos: levar o fardo de roupa suja e entregar o de roupa limpa, distribuir os fardos de lenha para o preparo dos alimentos, fazer entregas de alimentos (favas, carnes, frutas e legumes), etc. Só alguns ricos dispunham de uma trupe de escravos para exercer tais funções.

Durante ou depois do ensino básico, o acesso a um ensino mais especializado só era acessível a quem podia ou se dispunha a pagar por ele. Aos filhos da pobreza, além das oficinas e do ofício de levar e trazer fardos, sobrava o exército: ir fazer a guerra como soldado hoplita, enquan-

53. *Carta II*, 312d-e: Φραστέον δὴ σοὶ διὰ αἰνιγμάτων, ἵνα ἂν τι ἢ δέλτος ἢ πόντου ἢ γῆς ἐν πτυχαῖς πάθῃ, ὁ ἀναγνούς μὴ γινῶ.

54. *Protágoras*, 326c.

55. *Electra*, v. 367-379.

56. Tratamos do tema nos livros Ética e política: a edificação do éthos cívico da paideia grega (2017, p. 144, 211); e no *Educação e sexualidade no perímetro cívico da pólis grega* (2022, p. 76ss.).

to a mãe tecia a mortalha. Enquanto o marido se ocupava dos negócios da família e da *pólis*, a mulher se dedicava, na paz e na guerra, a cuidar da casa, da “economia doméstica” e dos filhos; e, caso viesse o marido ou o filho a morrer na guerra, era ela que o recebia, para o qual ainda lhe era dada a obrigação de tecer, feito Penélope, a mortalha e fazer o enterro.⁵⁷

“Damos à luz nossos filhos [lamenta-se Lisístrata] e os enviamos como hoplitas”⁵⁸. Além dos pobres, o exército se valia de um grande contingente de mercenários contratados, inclusive de outras *póleis*. Sobravam também aos filhos da pobreza os encargos de polícia (ser os fiscais da contravenção) e a lida no campo. Aos 18 anos, todos os filhos de cidadãos, ricos ou pobres, eram obrigados a frequentar o chamado *lexiarkhikón grammateion*, oferecido por dois anos (inscrição aos 17), a título de instrução obrigatória e gratuita, que correspondia a uma espécie de *serviço militar* destinado aos jovens entre 18 e 20 anos. Nesse período, eles recebiam as instruções referentes ao aprendizado das leis, ao exercício das lutas, ao manejo das armas e a todas as obrigações que modelavam a vida cívica e favoreciam o direito pleno à cidadania.⁵⁹

O *lexiarkhikón* vinha a se constituir no ensino derradeiro e institucional da vida cidadã, do qual o aprendizado fundamental recaía sobre o conhecimento das leis regentes da vida cívica. Platão, no *Banquete*, põe no discurso de Agatão a afirmativa de que “as leis são as rainhas das *póleis* – *hoi póleōs basilēs nómoi*”.⁶⁰ No *Górgias*, ele atribui a Píndaro a afirmativa posta na boca de Agatão, nestes termos: “a lei é a rainha de tudo, dos mortais e dos imortais”.⁶¹ Aristóteles, na *Retórica*,⁶² cita essa afirmativa

57. ARISTÓTELES. *Econômico*, I, 2-4, 1343-1344.

58. ARISTÓFANES. *Lisístrata*, v. 590-591.

59. *Protágoras*, 326d. Tratamos no *Ética e política*, no item “A educação da cidadania: a *lexiarchikón* e a *gymnasia*”, p. 100ss.

60. *O banquete*, 196c.

61. *Górgias*, 484b: *ho pántōn basileūs thnatōn te kai athanátōn*.

62. *Retórica*, III, 3, 1406a.

como sendo de Alcídamas e não de Píndaro. Alcídamas foi um discípulo de Górgias e adversário de Isócrates. Pelo que Platão fez constar no *Górgias*, é improvável que seja de Alcídamas; sendo, entretanto, plausível admitir que Alcídamas deu voz à *Ode* de Píndaro, e seria nesse sentido que caberia entender a afirmativa de Aristóteles.

Por definição, o *lexiarkhikón grammateion* consistia na instrução dos princípios fundamentais (*arkhikós*) relativos à capacitação que garantia, em definitivo, o direito ao exercício da cidadania, para o que, no final, o jovem assinava um contrato (*grammateion*) de responsabilidade cívica. Era nesse momento, aos 21 anos de idade, que os jovens recebiam o título de cidadão (*polítēs*), quando assumiam os encargos da cidadania e se submetiam, em autonomia (não mais sob a tutela dos pais), aos direitos cívicos. Com o título de cidadão, o jovem adquiria competência para arbitrar sobre os assuntos da *pólis* e da própria vida. A partir desse momento lhe cabia, na forma de um dever, a obrigação de exercitar as suas funções cívicas, de construir e reger a própria família (se casar), e assim participar da administração pública e da casa.

Ao jovem, nesse momento, sob o entendimento dos pais, era dada uma jovem em casamento, da qual ele passava a ser o *kýrios*. No caso da filha única, havia muito rigor na escolha daquele a quem dar a *herdeira*.⁶³ À jovem esposa cabia a obrigação de administrar a casa (o *oikos*), razão pela qual o principal de sua educação se restringia basicamente à posse das habilidades necessárias para o bem-estar do *oikos*. O nível de pobreza ou riqueza diversificava as funções administrativas e as obrigações. Era do *kýrios* a obrigação de abastecer a despensa e todo o necessário para a manutenção da casa. Na pobreza, sem a criadagem e uma casa ampla para administrar, a esposa se dedicava a tarefas domésticas, sobretudo relativas ao tear e aos quitutes da cozinha, com as quais podia, de dentro da casa, prover outros ganhos que vinham a se somar aos do marido. Os filhos e as

63. ARISTÓTELES. *Política*, II, 9, 1270a 25-28 (1998).